

## **“É preciso duvidar para crer”: A apologética adventista nas histórias em quadrinhos de Michelson Borges<sup>1</sup>**

**Eduardo Cavalcante Oliveira SANTOS<sup>2</sup>**  
**Felipe CARMO<sup>3</sup>**

### **RESUMO**

Apologética é a disciplina teológica particular de uma certa religião que se propõe a demonstrar a verdade da própria doutrina, defendendo-a de teses contrárias, sendo que esta disciplina desenvolveu-se sobretudo no Cristianismo. O apologeta defende a sua fé por meio de argumentos racionais, quer sejam eles conceitos, ilustrações, analogias ou histórias apropriadas que permitam corroborar a sua crença. Quando pensamos em apologética no adventismo brasileiro, um dos nomes que se destaca é a figura do jornalista Michelson Borges. Atualmente ele atua como editor da Casa Publicadora Brasileira e é membro da Sociedade Criacionista Brasileira, além de participar de seminários criacionistas em vários lugares e manter o blog [www.criacionismo.com.br](http://www.criacionismo.com.br). Uma das ferramentas utilizadas pelo pastor/jornalista para defender a Teoria Criacionista são as histórias em quadrinhos (“tirinhas”) do personagem *O Cético* e as tirinhas dos personagens *Isaac & Charles*.

**PALAVRAS-CHAVE:** adventismo; mídia e religião; Michelson Borges; apologética; HQs.

### **INTRODUÇÃO**

Uma das ferramentas utilizadas pelo pastor/jornalista Michelson Borges para defender a Teoria Criacionista são as histórias em quadrinhos (“tirinhas”) do personagem *O Cético* e as tirinhas dos personagens *Isaac & Charles*. Em virtude de seu elevado senso crítico e da forma irônica com que aborda alguns temas pertinentes ao Criacionismo, as tirinhas do Michelson Borges são utilizadas para fazer uma apologia,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na XI Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial (Eclesiocom), realizada em Engenheiro Coelho, SP, 18/8/2016.

<sup>2</sup> Doutorando em Ciências da Religião (PUC-SP) e graduando em Teologia (UNASP); Mestre em Ciências da Religião (PUC-SP), especialista em Teologia Bíblica (UNASP), graduado em Odontologia (UNISA) e Farmácia e Bioquímica (UNIP). E-mail: [eduardo.teologiabiblica@gmail.com](mailto:eduardo.teologiabiblica@gmail.com)

<sup>3</sup> Mestrando em Língua e Literatura Judaica pela Universidade de São Paulo (USP); Especialista em Teologia Bíblica (2013) pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp-EC); e Bacharel em Teologia (2012) pela mesma instituição. E-mail: [felipe.carmo@ucb.org.br](mailto:felipe.carmo@ucb.org.br)

principalmente, da Teoria da Criação O presente trabalho se propõe a analisar os elementos da apologética adventista, em especial do pastor/jornalista Michelson Borges, nas tirinhas de *O Cético e Isaac & Charles*.

## **APOLOGÉTICA**

Apologética (do latim tardio *apologeticus*, através do grego *ἀπολογητικός*, por derivação de "apologia", do grego *απολογία*: "defesa verbal" drogas) é a disciplina teológica própria de uma certa religião que se propõe a demonstrar a verdade da própria doutrina, defendendo-a de teses contrárias. A apologética desenvolveu-se sobretudo no Cristianismo – enquanto em outras religiões, como o Islã e o Budismo, houve apenas tentativas menores. Assim, quando o termo "apologética" não é seguido de especificação, é quase sempre entendido como "apologética cristã", ou seja, como a prática da explanação, demonstração (de ordem moral, científica, histórica, etc.) e defesa sistematizada da fé cristã, sua origem, credibilidade, autenticidade e superioridade em relação às demais religiões e cosmovisões (SLICK, 2009).

Na Patrística, chamam-se apologistas alguns Padres da Igreja que, sobretudo no século II, se dedicaram a escrever apologias ao Cristianismo, usando temas e argumentos filosóficos, notadamente platônicos e estoicos - que se mostraram compatíveis com a revelação cristã. O objetivo desses escritos não era tanto o de defender o Cristianismo contra correntes filosóficas diferentes ou contra religiões a ele opostas, mas sobretudo o de convencer o Imperador do direito de existência legal dos cristãos dentro do Império Romano. Os textos apologéticos constituíram as bases para o esclarecimento posterior dos dogmas teológicos e portanto, dos conceitos fundamentais usados em teologia (FERRATER-MORA, 1965, p. 164).

Conforme Sproul (2015, p. 11), a apologética é a defesa fundamentada da religião Cristã. Como defesa fundamentada da fé, a Apologética está para a Teologia como a Filosofia está para as Ciências Humanas. A apologética é definida pelo dicionário Houaiss como sendo (2001):

(1) Rubrica: teologia; defesa argumentativa de que a fé pode ser comprovada pela razão (1.1) Rubrica: catolicismo, teologia; parte da teologia que se dedica à defesa do catolicismo contra seus opositores (ver também Apologética Católica)

(2) Derivação: por extensão de sentido (da acp. 1); defesa persistente de alguma doutrina, teoria ou ideia.

Para McGrath (2013, p. 13), o termo “se refere a uma defesa, um arazoado que prova a inocência de um acusado no tribunal, bem como a demonstração de que uma crença ou argumento é correto”. É importante observar que a defesa é, via de regra, uma estratégia de pura reação. Alguém manifesta uma inquietação acerca da fé cristã, e passamos a ser obrigados a considerá-la e a respondê-la (MCGRATH, 2013, p. 15).

O trabalho apologética de Butler, na obra intitulada *A analogia da religião*, foi largamente considerado uma obra fundamental para responder aos desafios da religião natural apregoada pelos deístas e sua época. Entretanto, a apologética cristã foi forçada a se “reinventar” com o advento do Iluminismo. O ceticismo do filósofo escocês David Hume (1711-1776) preparou o caminho para o Iluminismo, que rejeitou as prerrogativas de qualquer tipo de revelação, de religião natural ou teologia natural e declarou a “autonomia da razão humana”. Hume convenceu a muitos de que o argumento teleológico, o argumento dos milagres e outros argumentos, clássicos da apologética cristã eram insuficientes. O filósofo iluminista alemão Immanuel Kant (1724-1804), que confessou ter sido despertado de seu “sono dogmático” pelos escritos de Hume, igualmente criticou os argumentos cosmológico e ontológico acerca da existência de Deus (BOA & BOWMAN, 2000, p. 52).

Essas sucessivas ondas de ataques ao cristianismo forçaram os cristãos ortodoxos a desenvolver uma apologética mais refinada e, especialmente, dirigida ao ceticismo. Esse esforço variou de acordo com as convicções teológicas, com a cosmovisão filosófica dos apologistas e, também, com o conteúdo-alvo das críticas ceticistas (BOA & BOWMAN, 2000, p. 52).

Um dos primeiros apologistas a responder aos ataques de Hume foi William Paley (1743-1805), pesquisador que sistematizou as evidências dos argumentos em duas obras: Uma visão sobre as evidências do cristianismo e Teologia natural. Esta última constitui-se em uma apresentação clássica do argumento teleológico. Paley, habilmente, multiplicou as ilustrações e os argumentos em favor de um designer inteligente e das evidências dos milagres. Entretanto, o vigor de sua apologia foi severamente enfraquecido com a ascensão da biologia do século 19. A origem das espécies (1958), de Charles Darwin, ofereceu uma explanação naturalística para a ordem e a diversidade da vida, encorajando muitos ocidentais a abandonar a crença num Deus criador. Paley também defendeu a reabilitação dos escritos do Novo Testamento e baseada na vida, na morte e, especialmente na ressurreição de Jesus, foi ao encontro dos trabalhos apoloéticos de Richard Whately e Simon Greenleaf (BOA & BOWMAN, 2000, p. 52).

Outro contemporâneo um pouco mais velho que Paley foi Thomas Reid (1710-1796), um calvinista escocês que desenvolveu a filosofia que ficou mais tarde conhecida como “realismo de senso comum”. A filosofia de Reid e de Paley foram, em grande parte, uma resposta ao cético Hume. Considerando que Hume era um cético, não apenas em relação aos milagres e à existência de Deus, mas também em relação à causa e efeito e à objetividade do certo e do errado, Reid sustentou que o conhecimento de todas essas coisas era uma simples questão de senso comum. Segundo Reid, os filósofos que questionavam essas coisas acabavam deixando a teoria obscurecer o que era óbvio e admitido por todos. O conhecimento humano sobre causa e efeito ou certo e errado é evidente por si mesmo, sendo um aspecto inalterável de nossa constituição como criaturas de Deus, independente de reconhecermos ou não a sua existência (BOA & BOWMAN, 2000, p. 52).

## **MICHELSON BORGES**

Proveniente de uma família católica, Michelson Borges desde pequeno era levado à missa pela sua devota mãe. Nesta mesma época os livros de ciência em suas enciclopédias interessantes e ilustradas que meu pai havia adquirido anos antes dele

nascer –despertaram seu gosto pela ciência, inclusive o seu nome vem de um desses livros, que traz uma reportagem sobre o físico Albert Abraham Michelson. À essa herança religiosa e científica ele credita o auxílio na busca à Deus e no conhecimento das respostas para muitos dilemas que enfrentou na adolescência e na juventude. Foi através dessa busca que ele acabou encontrando o adventismo e o criacionismo e completando minha formação religiosa/filosófica (BORGES, 2010).

Michelson foi batizado na IASD em dia 31 de janeiro de 1982. Ele estava com 12 anos de idade. Seu irmão, o Volnei Ricken (atualmente tesoureiro do Colégio Adventista de Porto Alegre), foi o primeiro adventista na família. Ele usava drogas, fumava, bebia e fazia outras coisas terríveis. Deus escolheu o caso mais difícil da família para impressionar os demais em favor do evangelho. Ele ainda não era batizado e dava muitos estudos bíblicos, inclusive para Michelson Borges. Borges decidiu por Cristo quando, nas primeiras lições, leu a Lei de Deus na Bíblia, contrastada com a lei que tinha aprendido no catecismo. Para ele, isso foi determinante (BORGES, 2009).

Michelson foi batizado na Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) na mesma época em que passou no vestibular para Jornalismo na UFSC. Ele sempre gostou de escrever e pesquisar assuntos diversos. No ensino médio ele cursou química e criou um jornal para o colégio, que o ajudou a definir a escolha por Comunicação Social. Depois de formado e trabalhando na editora da IASD, cursou o mestrado denominacional em Teologia no Unasp – campus Engenheiro Coelho. (BORGES, 2010).

Michelson era evolucionista teísta antes de conhecer o criacionismo. Naquele tempo, havia pouca literatura sobre o assunto e pouquíssimas pessoas sabiam o que era criacionismo. Quando descobriu que havia uma teoria que procura harmonizar coerentemente o conhecimento teológico com o conhecimento científico, ficou fascinado e começou a se aprofundar no assunto. Anos depois, resolveu disponibilizar em linguagem acessível todo o resultado dessa pesquisa. Nasceu o blog [www.criacionismo.com.br](http://www.criacionismo.com.br) (BORGES, 2010).

Michelson abandonou a ideia da macroevolução e o naturalismo filosófico quando estudava no curso técnico de química. Sempre foi amante da ciência e, por isso, naturalmente cético. Quando soube que o darwinismo tinha graves insuficiências

epistêmicas, passou a estudar o assunto mais a fundo. Deparou-se com o argumento da complexidade irreduzível, de Michael Behe, e com a tremenda dificuldade que o darwinismo tem em explicar a origem da informação complexa e específica. De onde surgiu a informação genética necessária para fazer funcionar a primeira célula? De onde proveio o acréscimo de informação necessária para dar origem a novos planos corporais e às melhorias biológicas? O passo seguinte foi buscar um modelo que lhe fornecesse respostas ao enigma do código sem o codificador, do design sem o designer, da informação sem a fonte de informações. Ficou aturdido com a complexidade física do Universo e com a complexidade integrada da vida. Nessas pesquisas, descobriu que o criacionismo era a cosmovisão que associa coerentemente conhecimento científico e conhecimento bíblico. E se descobriu em boa companhia ao saber que grandes cientistas como Galileu, Copérnico, Newton, Pascal, Pasteur e outros não viam contradição significativa entre a ciência experimental e a teologia judaico-cristã. Usou seu ceticismo, e foi atrás das evidências – levassem aonde levassem – e se surpreendeu com uma interpretação simples e não anticientífica para as origens. Resultado? Tornei-se criacionista (BORGES, 2014).

Para Michelson Borges, “a profundidade em ciência e filosofia nos aproxima de Deus. Bons exemplos disso são os grandes cientistas fundadores do método científico, como Galileu Galilei, Isaac Newton, Copérnico, Van Helmont e outros. Eram homens de ciência e de fé. Poderia citar ainda Blaise Pascal, Antony Flew e os brasileiros César Lattes e Marcos Eberlin” (BORGES, 2010).

Na visão de Michelson (BORGES, 2009b),

o criacionismo bíblico é uma associação coerente entre a ciência experimental e a religião bíblica. Seu objetivo é entender a realidade, especialmente no que diz respeito à origem e destino do Universo e da vida. Outras linhas de pensamento, como o darwinismo, também se valem desse tipo de associação, neste caso, entre a ciência e o naturalismo filosófico. Assim, ambos os modelos têm um componente científico e outro metafísico. Qualquer paradigma que busca compreender eventos passados únicos e irreproduzíveis

(cientificamente não testáveis ou não falseáveis), utilizará, necessariamente, argumentos científicos e metafísicos na construção de modelos. Portanto, nenhum desses paradigmas deveria ser traduzido como uma teoria puramente científica (ou seja, um conjunto conciso de afirmações que explicam um conjunto abrangente de fenômenos). Da mesma forma, o evolucionismo não deveria ser confundido com filosofia (ou naturalismo filosófico), bem como o criacionismo não seria sinônimo de religião (ou conhecimento bíblico).

A motivação de Borges para escrever sobre o criacionismo se deve ao fato de ele ter sido evolucionista até os 18 anos. Ficou feliz e desapontado, ao mesmo tempo, ao descobrir, que havia outra versão para a história da vida. Aprofundou-se nos estudos sobre a controvérsia entre o criacionismo e o evolucionismo a fim de tomar sua própria decisão, e poder perceber que o criacionismo, “diferentemente do que a grande imprensa tenta fazer crer, é mais coerente com os fatos observados e com a ciência experimental”. Todo esse esforço e essa busca pessoal resultaram em três livros sobre o assunto (*A História da Vida, Por Que Creio* e *Se Deus Fez, Se Deus Não Fez*) e um CD-ROM intitulado "História da Vida" (todos lançados pela CPB), além da criação de um site ([www.criacionismo.com.br](http://www.criacionismo.com.br)) e das tirinhas de *O Cético* e dos personagens *Issac & Charles* (BORGES, 2007).

## **A APOLOGÉTICA NAS TIRINHAS DE MICHELSON BORGES**

Michelson sempre sonhou em trabalhar como desenhista ou escritor. De certa forma, ele pode ver realizados ambos os desejos na tirinhas e nos livros publicados. Um sonho que não realizou foi o de ser cientista. No entanto, como divulgador de assuntos científicos por conta do ministério criacionista, ele também se sente realizado nessa área (BORGES, 2009a).



O personagem *O Cético* é um jornalista que se recusa a aceitar “verdades prontas” e faz o que todo bom jornalista deve fazer: pergunta, questiona, analisa, critica. Ele sabe que, às vezes, para crer é preciso duvidar, e que o verdadeiro ceticismo é aquele que duvida até de si mesmo. Seus companheiros (acrescentados posteriormente) nas tirinhas são Ateumo, um filósofo ateu, e o Dr. Darwilino, um cientista agnóstico. Nas tirinhas de *O Cético* os três participam de conversas e debates intrigantes (BORGES, 2013).



Os criadores desses personagens são o jornalista Michelson Borges e o ilustrador Thiago Lobo. Thiago de Passos Lobo nasceu em 19 de janeiro de 1982, na cidade de Osasco, em São Paulo. Aos seis anos de idade, já mostrava interesse pela arte. Autodidata, desenvolveu e aprendeu as técnicas necessárias para o ofício. Teve seu primeiro trabalho publicado aos 17 anos. E de lá para cá não parou mais. Publicou em algumas editoras nacionais e internacionais. Trabalhou como *freelance* por alguns anos para a Casa Publicadora Brasileira (editora adventista), até ser convidado a fazer parte da equipe de ilustradores da editora. Ele mesmo conta como começou a trabalhar com a tirinha do Cético (BORGES, 2013):

Já faz um tempinho que queria trabalhar com tiras (perai! Nunca quis ser policial). Explico: tiras são pequenas histórias em quadrinhos feitas, na maioria das vezes, para jornal. Mas nunca fui muito bom com as palavras (me refiro ao texto para quadrinhos). Cheguei a criar,



ainda na juventude, um personagem que não teve muito tempo de vida... Acabou sumindo com o passar dos anos. Certo dia, fui a uma reunião tratar de um assunto referente à cenografia que faríamos (um amigo e eu) para a programação de uma escola de educação especial, em Tatuí. Cheguei um pouco cedo. O Michelson estava lá e começamos a conversar sobre a nona arte (quadrinhos). A certa altura da conversa, ele me disse: ‘Seria legal ter uma tirinha no blog’ (o blog dele). E eu respondi: ‘Que legal! Você vai desenhar?’ (perguntei, esperando ele propor uma parceria.) E não é que propôs? Então prosseguimos com a concepção da tirinha ali mesmo, na calçada, em frente ao Conservatório Musical de Tatuí.

Para Michelson a criação do Cético foi um desses “acazos” providenciais. Poucos dias depois de apresentar a ideia, o Lobo já estava com o personagem pronto. Quando observou os esboços na folha de papel, percebeu que tinha alguma coisa a ver ele. Talvez o nariz. Ele não sabe ao certo. O fato é que ele gostou do personagem. “O ar alegre e simpático”, segundo Michelson, “ajuda a contrabalançar seu lado crítico e o ar desconfiado. Espero que você goste dele como nós” (BORGES, 2013).

As tirinhas a seguir ilustram o teor da apologética de Michelson Borges:

a) Design Inteligente



b) Complexidade irreduzível



c) Vantagem evolucionista?



Isaac Newton (1643-1727) e Charles Darwin (1809-1882) são dois nomes importantes da história da ciência. E para Michelson Borges,

de certa forma, eles representam duas maneiras de enxergar a realidade que nos cerca: Newton, além de cientista, era profundo conhecedor da Bíblia Sagrada e nunca deixou de manifestar sua cosmovisão teísta; Darwin, com sua teoria da evolução, deu força ao pensamento naturalista segundo o qual a vida poderia surgir por meio de causas puramente naturais (BORGES

É esse viés (naturalismo x teísmo) que é explorado nas tirinhas *Isaac & Charles*. Os personagens foram criados pelo musicólogo Joêzer Mendonça (concepção) e por Michelson Borges (arte). Com a concordância do seu amigo, ele passou a assumir as tirinhas (tanto o texto quanto a arte). Para Michelson Borges, “as discussões desses dois gigantes que, se tivessem vivido na mesma época, certamente teriam muito o que conversar” são a motivação mais do que necessária para a concepção das tirinhas de Isaac e Charles.

a) Acaso ou Design Inteligente?



b) Ceticismo seletivo





c) Religião Darwinista



Vemos através das tirinhas de Michelson Borges que para ele as pessoas deveriam pelo menos considerar os argumentos criacionistas, sem se deixar levar pelo preconceito. Ele considera no mínimo injusto descartar uma ideia sem antes conhecê-la. O verdadeiro conhecimento nasceria da análise do contraditório, da ponderação. Por isso, ele valoriza a avaliação dos argumentos criacionistas e evolucionistas, sempre à luz da ciência experimental, do método científico.

Para ele é plenamente possível a ciência e a religião andarem juntas, afinal, os cientistas lidam com o que é imanente, com aquilo que é passível de verificação com seus métodos. Portanto, lidam com o mundo natural. A ciência é uma ótima “ferramenta” humana para nos ajudar a entender o mundo que nos rodeia, mas, como tudo o que é humano, ela tem também suas limitações, e uma delas é justamente a premissa filosófica sobre a qual trabalha: o naturalismo (que segundo Michelson Borges, ele mesmo não passível de verificação científica).

A pergunta que Michelson Borges procura sempre responder é: A ciência e a fé podem andar juntas? Para ele a resposta é obviamente: Sim! Quando ambas são corretamente compreendidas. Ciência é método, fé é confiança, convicção. Elas lidam com aspectos diferentes da realidade, embora muitas vezes possam atuar em conjunto para a melhor compreensão das coisas e para possibilitar uma vida mais plena e feliz. Além disso, a ciência nos estimula a manter um ceticismo saudável, aquele que nos faz analisar tudo com visão crítica e não aceitar qualquer falácia ou argumento sem fundamento consistente. Até para crer às vezes é preciso duvidar.

## REFERÊNCIAS

- BOA, Kean & BOWMAN, Robert. O surgimento da apologética moderna. **Defesa da Fé**, Rio de Janeiro: ICP, jun. 1999.
- BORGES, Michelson. **Criacionismo, mídia e outros temas**, 14 jun. 2007. In: Michelson Borges Entrevistas. Disponível em: < <http://www.entrevistas.criacionismo.com.br/2007/06/esta-entrevista-foi-concedida-revista.html> > Acesso em: 20 jun. 2016.
- \_\_\_\_\_. **Ele não me abandonou**, 27 set. 2009b. In: Michelson Borges Entrevistas. Disponível em: < <http://www.entrevistas.criacionismo.com.br/2009/09/ele-nao-me-abandonou.html> > Acesso em: 20 jun. 2016.
- \_\_\_\_\_. **Em nome do criacionismo**, 08 mai. 2014b. In: Michelson Borges Entrevistas. Disponível em: < <http://www.entrevistas.criacionismo.com.br/2014/05/em-nome-do-criacionismo.html> > Acesso em: 20 jun. 2016.
- \_\_\_\_\_. **Issac & Charles: nova fase**, 01 fev. 2014a. In: Issac & Charles. Disponível em: < <http://isaacecharles.blogspot.com.br/2014/02/isaac-charles-nova-fase.html> > Acesso em: 15 jun. 2016.
- \_\_\_\_\_. **Jornalismo, teologia e ciência**, 11 nov. 2010. In: Michelson Borges Entrevistas. Disponível em: < <http://www.entrevistas.criacionismo.com.br/2010/11/jornalismo-teologia-e-ciencia.html> > Acesso em: 20 jun. 2016.
- \_\_\_\_\_. **Jornalista criacionista**, 17 jun. 2009a. In: Michelson Borges Entrevistas. Disponível em: < <http://www.entrevistas.criacionismo.com.br/2010/11/jornalismo-teologia-e-ciencia.html> > Acesso em: 20 jun. 2016.
- \_\_\_\_\_. **Conheça o cético**, 14 abr. 2013. In: O cético. Disponível em: < <http://www.cetico.criacionismo.com.br/2013/04/depois-de-um-tempo-de-ausencia-o-cetico.html> > Acesso em: 15 jun. 2016.
- CRAIG, William lane. **A veracidade da fé cristã**. São Paulo: Vida Nova, 2004.
- FERRATER MORA, José. **Dicionário de Filosofia**, vol. 1 Buenos Aires: Sudamericana, 1965.
- HOUAISS, Antônio. **Mini Houaiss Dicionário de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- McGRATH, Alister. **Apologética pura e simples**. São Paulo: Vida Nova, 2013.
- SLICK, Matt. **An Introduction to Apologetics**, 2009. In: Christian Apologetics & Research Ministry. Disponível em: < <https://carm.org/introduction-apologetics> > Acesso em: 24 jun. 2016.
- SPROUL, Robert Charles. **Defendendo sua fé**. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.